

## **Deficiência visual e a apropriação do conhecimento no Ensino Fundamental: possibilidades e desafios**

PERINNI, Sanandrea Torezani<sup>1</sup>  
[torezansanandrea@gmail.com](mailto:torezansanandrea@gmail.com)  
PPGE/UFES/IFES

### **Resumo**

Este estudo objetivou entender os modos de apropriação da língua inglesa por uma aluna cega matriculada nas salas comuns do ensino fundamental na rede estadual de ensino no município de Colatina. Estudo qualitativo na perspectiva do estudo de caso envolvendo a aluna cega, a professora de inglês e a professora do atendimento educacional especializado, a partir dos pressupostos teórico-filosóficos da abordagem sócio histórica. Os dados foram obtidos a partir de análise documental, entrevistas semiestruturadas, observação das aulas de inglês e do contexto escolar, os quais revelaram que a escola tem conhecimento das diferenças existentes no contexto escolar, entretanto, no que refere às ações curriculares, constatou-se um currículo pouco flexível às necessidades dos alunos com e sem deficiência; no que refere-se à prática pedagógica para as aulas de língua inglesa, esta ainda privilegia a apresentação de conteúdos descontextualizados com foco gramatical, exercícios mecânicos e avaliações escritas; quanto à apropriação dos conhecimentos em língua inglesa pela aluna cega esta decorre em meio à dificuldades que vão desde a falta de materiais adequados até os sentidos atribuídos pelos sujeitos desse processo acerca da cegueira e da língua inglesa, ou seja, os desafios que existem nesse processo estão muito mais determinados pelo contexto social do que pelas características biológicas da aluna cega.

**Palavras-chave:** Cegueira. Inglês. Aprendizagem.

---

<sup>1</sup>Doutoranda em Educação e membro do grupo de Pesquisa e Estudos em Educação e Inclusão – GEPEI da Universidade Federal do Espírito Santo, professora e membro do Núcleo de Apoio às pessoas com necessidades específicas (NAPNE) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, Campus Santa Teresa.

## Introdução

A escrita desse texto se deu a partir da dissertação defendida em 2013, na qual busquei<sup>2</sup> entender os modos de apropriação da língua inglesa por uma aluna cega matriculada nas salas comuns do ensino fundamental na rede estadual de ensino no município de Colatina.

A motivação para o estudo originou-se no contexto educacional do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Espírito Santo-IFES, *Campus* Santa Teresa, quando recebi para as aulas de inglês, uma aluna cega para cursar o Ensino Médio integrado ao Técnico em Agropecuária. A presença da aluna no *campus* fez surgir diversos movimentos de reflexão, de exclusão, de repensar a prática, dentre tantos outros.

Nesse contexto, as metodologias para as aulas de inglês, as quais eram de minha responsabilidade precisaram ser revistas, refletidas, testadas e reinventadas, pois os desafios e possibilidades apareceram: a ausência de formação na área de educação especial, de material didático em Braile que proporcionasse a participação da aluna nas aulas; as frustrações na adaptação metodológica em determinadas atividades; o pouco conhecimento adquirido pela aluna em língua estrangeira, o que, aliás, é um problema que grande parte dos alunos traz em língua estrangeira; o foco que culturalmente colocamos no “defeito” como um fim e, não nas possibilidades de aprendizagem.

Mesmo com muitas dúvidas e inseguranças, o desejo de que a aluna tivesse uma boa experiência de aprendizagem de língua inglesa, em um contexto inclusivo lançou-me a fazer parte do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas

---

<sup>2</sup> Utilizo a primeira pessoa do singular na escrita da dissertação, pois como nos apontam Bakhtin e Vigotski “consciência e pensamento são tecidos com palavras e ideias que se formam na interação, tendo o outro um papel significativo. [...] considerando o homem como um ser expressivo e falante, criador de textos (FREITAS, 2006, p. 159). Sendo assim, a primeira pessoa representa os diversos fios filosóficos, teóricos e ideológicos que propiciaram a constituição sócio histórica de meu ser cultural.

(NAPNE) do IFES *Campus* Santa Teresa, para junto à equipe buscar caminhos que minimizassem os impactos deste primeiro momento e planejar ações que oportunizassem um ambiente escolar mais inclusivo.

A atuação dos membros do NAPNE mobilizou os gestores e possibilitou conquistas como: materiais didáticos adaptados, atendimento educacional especializado, debates junto ao corpo docente, desenvolvimento de proposta pedagógica específica, entre outras atividades que contribuíam para que o espaço escolar fosse menos excludente e mais democrático.

Mesmo com toda a movimentação e a experimentação de propostas metodológicas, a questão como se caracterizava o processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa para alunos cegos dentro de uma sala de aula regular, num contexto de inclusão, permanecia e me instigava a buscar sempre caminhos que proporcionassem a aprendizagem da aluna o que levou-me ao mestrado com o intuito de ampliar conhecimentos acerca da educação especial e inclusiva e assim, ampliar as possibilidades de atuação profissional.

No intuito de perceber a relevância da proposta de estudo para o contexto educacional, iniciei buscando trabalhos que abordassem a temática ou se aproximassem dela. Desta forma, empenhei-me no banco de teses da CAPES e no site da ANPED, o que possibilitou-me identificar um número considerável de estudos sobre deficiência visual, demonstrando que a educação de alunos deficientes visuais numa perspectiva inclusiva é um assunto que tem ganhado a atenção de vários autores, dentro do contexto comum de ensino e aprendizagem.

A partir de tal busca, destaco que grande parte dos estudos encontrados trata da acessibilidade das pessoas com deficiência visual; do uso das tecnologias como forma de proporcionar condições de aprendizagem; da aprendizagem de alunos com deficiência visual nas disciplinas de geografia, química, educação física, artes, música, informática, língua materna e língua estrangeira (espanhol); da construção das identidades sociais de deficientes visuais pela via escolar; do significado da biblioteca e

das salas de recursos para o aluno deficiente visual, dentre outros voltados para a área da psicologia e medicina.

Verifiquei também, que há uma vasta bibliografia na área de inclusão e de educação especial, porém constatei que não há muitos trabalhos voltados para entender como se dá a apropriação da língua inglesa pelo aluno cego nas salas comuns do ensino regular.

Neste sentido, organizei a revisão de literatura em três grupos assim distribuídos: o primeiro grupo trata das discussões acerca da língua inglesa e o deficiente visual, no qual apresento os estudos de Ramos (2000), Ferreira (2003), Motta (2004) e Oliveira (2008). No segundo grupo, trago Dias (2008), Magalhães (2009) e Fontana (2009) com os estudos sobre o ensino de língua espanhola para deficientes visuais.

Para o terceiro grupo inseri estudos diversos, também relevantes para a pesquisa: a pesquisa de Caiado (2002) que trata das lembranças que os alunos cegos têm da escola e a linguagem como forma de apropriação do mundo empírico; o estudo de Cerchiari (2011) que trata da formação inicial do professor de língua estrangeira; Oliveira (2004) com sua pesquisa acerca da aquisição da língua materna pelo deficiente visual; Silva (2004) que traz um estudo que busca analisar qualitativamente as estratégias de ensino utilizados com o aluno cego inserido nas classes comuns do ensino regular; o estudo de Broseguini (2005) que traz o cego como usuário da sala de recursos braile da Biblioteca Pública do Estado do Espírito Santo; Ormelezi (2000) que trata a aquisição de conhecimento pelo cego no que diz respeito às representações mentais – imagens e conceitos – acerca do mundo, dos objetos, situações, eventos, e relações humanas.

A partir dessa busca pelas bases teóricas da inclusão e do ensino de língua inglesa para alunos cegos foi possível constatar que, apesar dos diversos pesquisadores que estudam e trabalham com a inclusão na educação regular, ainda são poucos os trabalhos que abordam o ensino e aprendizagem para alunos com deficiência visual - cegueira, especialmente quando se trata de língua inglesa em salas comuns do ensino fundamental, já que esses sujeitos, com as políticas e práticas educativas com vistas à

inclusão, têm alcançado níveis mais elevados de ensino, o que justifica a necessidade de se ampliar as discussões acerca da temática. Justifica-se ainda, pelo fato de que temos percebido que o aluno cego não tem sido reconhecido como ser que é produto/produtor de conhecimento e cultura.

Este estudo justificou-se, também, pelo ineditismo presente no contexto nacional e do Espírito Santo, bem como pelos dados apresentados no Censo Escolar da Educação Básica<sup>3</sup> sobre os números da Educação Especial no Brasil, os quais apresentam que as políticas de inclusão proporcionaram um aumento da matrícula nas salas comuns da rede regular de ensino da esfera pública.

### **Percursos metodológicos**

O estudo teve como objetivo geral entender os modos de apropriação da língua inglesa pelo aluno cego matriculado nas salas comuns do ensino fundamental da rede regular de ensino. Como objetivos específicos destaco: conhecer as práticas docentes utilizadas para o ensino de língua inglesa têm sido concretizadas na escola; conhecer a cegueira em seus aspectos sócio históricos e as possibilidades de apropriação do conhecimento pelo aluno cego; identificar os sentidos atribuídos à língua inglesa pelo aluno cego e as implicações deles no processo de ensino e aprendizagem.

Para alcançar os objetivos propostos, utilizei a pesquisa qualitativa na perspectiva do estudo de caso tomando como base os pressupostos teórico-filosóficos da abordagem sócio histórica, a partir das contribuições de Vigotski, Bakhtin e de autores que compartilham/atualizam essa linha de pensamento no que se refere aos conceitos de

---

<sup>3</sup> “Os importantes avanços alcançados pela atual política são refletidos em números: 62,7% do total de matrículas da educação especial em 2007 estavam nas escolas públicas e 37,3% nas escolas privadas. Em 2010, estes números alcançaram 75,8% nas públicas e 24,2% nas escolas privadas, [...] (CENSO 2010, p. 13). Em 2011, esses números alcançaram 78,3% nas públicas e 21,7% nas escolas privadas, mostrando claramente a efetivação da educação inclusiva e o empenho das redes de ensino em envidar esforços para organizar uma política pública universal e acessível à todas as pessoas” (CENSO, 2011, p. 27).

linguagem, mediação pedagógica, interação (apropriação), sentido e significado.

Um estudo a partir da abordagem sócio histórica, de acordo com Vigotski (2007), não significa estudar o passado, mas sim estudar o processo de desenvolvimento de algo em suas fases e mudanças, pois “é somente em movimento que um corpo mostra o que é” (VIGOTSKI, 2007 p. 68). Nesse sentido, o presente é visto à luz da história e da interação do indivíduo com o meio, isso porque para Vigotski (2007) a tarefa da pesquisa é proporcionar um estudo do fenômeno em seu processo vivo e não como algo estático.

[...] os estudos qualitativos com olhar da perspectiva sócio-histórica, ao valorizarem os aspectos descritivos e as percepções pessoais, devem focalizar o particular como instância da totalidade social, procurando compreender os sujeitos envolvidos e, por intermédio, compreender também o contexto (FREITAS, 2002, p.26).

Sob tal perspectiva, o estudo de caso possibilitou uma investigação em profundidade e, de acordo com Michel (2009, p. 54), “a vantagem do estudo de caso reside na possibilidade de penetração na realidade social [...]”, além de permitir ao pesquisador voltar-se para a multiplicidade das dimensões de um problema, focalizando-o como um todo (GIL, 1991).

Outro fator que levou-me a optar pelo estudo de caso, é o fato de que este proporciona maior entendimento do problema, uma visão mais clara acerca de fenômenos pouco conhecidos, na medida em que se caracteriza “[...] pelo estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita o seu amplo e detalhado conhecimento [...]” (GIL, 1991, p. 58), além de enfatizar o contexto em que processos acontecem.

O *corpus* da pesquisa constituiu-se a partir de análise documental, entrevistas semiestruturadas<sup>4</sup> e observação do ambiente escolar, mais especificamente das aulas de

---

<sup>4</sup> Para a realização da pesquisa entrei com pedido de autorização na Superintendência Regional de

inglês, no período de fevereiro a setembro de 2012. Onde realizei a pesquisa? Iniciei na Superintendência Regional de Educação de Colatina (SRE), no intuito de encontrar escolas que possuíssem alunos cegos matriculados no ensino médio, nos municípios de São Roque do Canaã, no qual resido; Santa Teresa, no qual trabalho e Colatina por ser um município próximo aos locais que resido e trabalho. A busca se deu na SRE devido ao fato de saber que no IFES não havia alunos cegos matriculados, por entender que o ensino médio se concentra nas escolas estaduais e por acreditar que a escola pública é o espaço de excelência para a sistematização de uma educação gratuita, laica, democrática e inclusiva que proporcione também aos sujeitos com deficiência o direito à uma educação de qualidade.

A partir dessa busca foi possível localizar alunos com deficiência visual em algumas escolas da rede estadual, entretanto com cegueira apenas uma foi encontrada e não estava matriculada no ensino médio. Dessa forma, o local e o sujeito da pesquisa foram definidos: município de Colatina, nível fundamental de ensino.

Tal delimitação justificou-se pelo fato de que o município de Colatina conta com o ensino de língua estrangeira em escolas da rede regular de ensino e estudante com cegueira no ensino fundamental; por ser professora de língua estrangeira moderna em rede regular de ensino; e também por ter vivenciado a experiência do ensino de língua estrangeira a uma aluna cega no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo - *Campus* Santa Teresa. Desta forma, a pesquisa foi realizada em uma das escolas da rede pública estadual de ensino, localizada no município de Colatina, estado do Espírito Santo a qual denominei Escola Portas Entreabertas.

---

Educação de Colatina (SRE) e após autorizada por ela, os participantes assinaram o termo de consentimento livre e aceite. Quando menores de idade, os responsáveis também assinaram.

## **Aportes teóricos**

Nas suas investigações sobre os fenômenos humanos, Vigotski e Bakhtin concebem o homem como sujeito histórico, concreto, produtor e produto da cultura, num determinado contexto histórico e social. Desta forma, se perguntam como os fatores sociais podem modelar e construir a consciência. Nesse sentido, ao buscar uma resposta que levasse em consideração as especificidades humanas dentro da cultura e da história, Vigotski estudou a evolução dinâmica da língua a partir das transformações sofridas no significado das palavras durante o desenvolvimento do sujeito, pois para ele o processo de desenvolvimento é mais importante que o produto e Bakhtin, ao estudar a evolução semântica da língua a partir do confronto ideológico de valores sociais no decorrer da história social humana, amplia a perspectiva trazida por Vigotski (JOBIM e SOUZA, 1994).

Tais autores concebem a consciência engendrada no social, por meio das relações que os seres humanos estabelecem entre si através/pela mediação da linguagem. Sob este aspecto, as funções mentais elementares se transformam qualitativamente em funções mentais superiores (consciência) pela utilização da linguagem adquirida no contato social (JOBIM e SOUZA, 1994). Assim, para Vigotski (2007) a consciência resulta dos próprios signos, os quais permitem a mediação do homem com os outros e consigo mesmo, constituindo-se portanto na forma mais adequada para se investigar a consciência humana.

Para Bakhtin (2002) a consciência se constitui no social, via linguagem e a consciência individual nada pode explicar, a não ser pelo meio ideológico e social, “[...] a consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais” (p. 35).

Segundo Bakhtin (2002),



as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, [...]. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais (p. 41).

A palavra, tida como um poderoso instrumento semiótico nas relações sociais e na constituição da conduta, é um fenômeno ideológico que evolui constantemente e seu destino é o da sociedade que fala e “[...] está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial” (BAKHTIN, 2002, p. 95).

Sob tal perspectiva, para entender como acontece o processo de apropriação da língua inglesa pelo aluno cego matriculado nas salas comuns do ensino fundamental tomei o referencial teórico de Bakhtin (2002, 2010) e Vigotski (1979, 1987, 1997, 2000, 2007, 2009, 2010), pois têm como pressuposto que o homem não nasce com todas as características psíquicas determinadas, mas que estas se desenvolvem a partir da apropriação da experiência social, ou seja,

[...] o homem, fora das condições socioeconômicas objetivas, fora de uma sociedade, não tem nenhuma existência. Só como membro de um grupo social, de uma classe, é que o indivíduo ascende a uma realidade histórica e a uma produtividade cultural. O nascimento físico não é suficiente para o ingresso na história. [...] O homem, portanto, precisa de um segundo nascimento: o nascimento social (FREITAS, 2006, p. 126).

### **Sobre a apropriação do conhecimento**

Partindo da premissa de que “a perspectiva da inclusão exige o repensar das condições da prática docente e de suas dimensões, bem como de suas repercussões na organização curricular e na avaliação” (RIBEIRO, 2003, p. 41), faz-se necessário que o processo educacional se organize de tal forma que permita a todos terem a oportunidade

de revelar/apresentar suas possibilidades, ou seja, a escola deve oportunizar a todos, respeitando suas diferenças, possibilidades de aprendizagem com qualidade.

Nesse sentido, trago a fala de Relena<sup>5</sup> sobre a experiência que viveu com uma professora das séries iniciais. Tal relato foi feito quando conversávamos sobre acontecimentos que a marcaram na sua trajetória escolar:

Eu acho que o fato que me marcou mesmo, foi na 3ª série a professora que eu tive, que era a professora Paula, ela até faleceu. Eu lembro que eu cheguei na sala e tudo bem, né, o jeitinho dela assim, eu pensava assim, vou arrumar confusão. Até hoje, ela é uma professora que eu nunca vou esquecer, porque ela era um anjo. Ela passava para os meninos no quadro e copiava tudinho para mim no caderno, depois eu ia lendo, que eu ainda aguentava ler, mas assim, ela explicava tudo certinho, ela me ajudava, sempre me dava as mesmas provas, mas ela me ajudava entender. **O que você quer dizer com a palavra ajudar?** Que ela me explicava bem direitinho. **Gostaria que você falasse um pouco mais sobre ela.** Na verdade, depois da Maria, a Paula foi a professora que mais me mostrou a beleza do estudo, me mostrou que é bom estudar, que o estudo não é só dever, não é só o professor passando dever lá no quadro e você calado lá, sem falar nada e aquela quietude dentro da sala, não. Ela conversava com a gente, ela explicava de um jeito bem dinâmico, ela copiava os textos prá mim, ela me pedia pra ler, quando eu aguentava ler, ela copiava grandão. Agora eu não aguento mais ler assim, eu sinto muita dor de cabeça por causa de um probleminha que deu na minha córnea. Ela, assim, teve um papel muito importante na minha vida, nossa!!!!!!com ela eu aprendia tanta coisa, mais tanta coisa, assim, que eu não sabia antes, é claro assim, ela brincava muito com a gente, ela adotou todos nós que éramos alunos dela como filhos, porque ela disse que ela não podia ter filhos, então ela adotou todos nós.

Relena aponta um momento em que uma ação aparentemente simples “[...] Ela passava para os meninos no quadro e copiava tudinho para mim no caderno [...]”, nos inquieta a pensar sobre as diversas possibilidades que nos permitem promover a inclusão e assim, possibilitar que os sujeitos que dela necessitam sejam contemplados.

---

<sup>5</sup> Aluna cega participante da pesquisa

Outro caminho que Relena apontou como mediador para a compreensão dos conteúdos é uma colega sentar-se ao seu lado. Isso acontecia no início das observações que realizei nas aulas de inglês, mas depois alguns professores acharam melhor separar porque estavam conversando demais. O fato de ter a colega sentada a seu lado lhe propiciava localização na sala, pois essa colega descrevia o que o professor estava passando no quadro.

Por decisão de um grupo de professores, Relena passou a ficar sozinha durante as aulas e isso ocasionou algumas perdas. Por exemplo, enquanto os professores passavam matéria no quadro, Relena ficava ali, sentada, sem saber o que estava acontecendo. Perguntei a ela sobre esse acontecimento e ela respondeu que quando alguém sentava ao lado dela e lia o que estava copiando ficava mais fácil para ela entender a explicação. Só que, às vezes, ela se distraía e conversava sobre outros assuntos com essa pessoa.

Os relatos de Relena apontam para o pensamento vigotskiano no que diz respeito a mediação, interação e zona proximal de desenvolvimento. De acordo com Vigotski (1997, 2007, 2009, 2010), o homem se constitui socialmente via mediação, portanto a interação permite que o sujeito se aproprie dos significados culturais e a mediação do outro é imprescindível na medida em que ele é quem significa os dados da realidade que serão apropriados pelo sujeito em desenvolvimento. Neste sentido, o conhecimento ainda não inteiramente dominado, ou seja, aquilo que o sujeito não consegue fazer sozinho e precisa da ajuda de um colega ou de um adulto é que deve ser o impulsionador dos processos de ensino, considerando que as funções psicológicas surgem inicialmente em nível social, para posteriormente serem internalizadas/individualizadas.

Mesmo com esses movimentos, ao falar de sua escola, no que tange a perspectiva da inclusão, Relena relata,

Eu acho que minha escola **evoluiu muito**, tem mais recursos, como sala de recurso, **apesar de** os computadores lá serem muito antigos, não sei se eles suportariam os softwares de voz, a gente só usa DOS-VOX, mas acho que isso **vai mudar**. Nas aulas, o meu professor de ciências me passa a matéria em pen drive, alguns deles explicam a matéria para mim, e assim vai, **cada professor tem assim... um jeitinho de eu dominar a matéria**, eu tenho mais dificuldade na matemática, que eu sempre tive, mas assim, eu sei minhas matérias, os professores vão explicando e eu vou pegando a matéria (grifo meu).

A fala de Relena indicia que a perspectiva inclusiva tem provocado transformações significativas no sistema educativo, e tem alcançado as concepções pedagógicas dos professores e suas atitudes para com os alunos com necessidades educativas especiais. Segundo Ribeiro (2003, p. 41) “A perspectiva da inclusão exige o repensar das condições da prática docente e de suas dimensões, bem como de suas repercussões na organização curricular e na avaliação”.

O modo pelo qual o aluno com cegueira percebe a realidade apresenta uma organização sensorial diferente, o que não significa que ela é melhor ou pior, apenas que acontece por vias diferentes. Vigotski (1997) deixa claro que a vivência da cegueira não é como a do vidente de olhos tapados. O cego congênito percebe o mundo de forma diferente e só experimenta a cegueira como deficiência através de interações sociais que lhe mostre isso. Percebi isto na fala de Relena, ao responder os questionamentos feitos sobre os modos que utiliza para apreender o mundo, ela diz

**Que mecanismos você utiliza para perceber o mundo? Como assim? Por exemplo, como você cria os conceitos na sua mente? Se tiver de perto, até que eu consigo ver, agora se tiver de longe eu não vejo nada. Como você sabe as formas das coisas, por exemplo? Eu usava mais o tato, porque eu quando eu nasci eu não enxergava direitinho, então eu usava mais o tato, mas depois, assim que eu ganhei um pouco mais de visão, assim dá prá ver certinho, o que é quadrado, o que é redondo, se tiver no meu alcance de visão. Como você apreende o que o professor está explicando? Você precisa que o professor utilize quais meios para você apreender melhor? Matemática é um pouco mais complicado, mas as outras na fala, me mostrando uma imagem. Que nem o ano passado eu fiz um trabalho**

com a professora de ciências sobre o sistema reprodutor masculino, aí a professora me mostrou no livro, me ajudou a fazer o desenho por dentro, aí deu pra ver certinho. Agora matemática, tem que ver o símbolo, saber como se resolve ele, ou qual é o valor dele. Então o professor poderia usar os símbolos maiores ou me mostrar o formato do símbolo para eu saber o que ele é, por exemplo, o x eu sei que ele é uma letra, mas eu não sei descobrir seu valor, a raiz eu não sei o que é direitinho, o asterisco eu também não sei o que seria aquele formato do asterisco, eu entendo mais ou menos, mais eu não sei o que é ao certo, ah, tem alguns sinais assim que eu acho que eu gostaria de ver para saber, assim, como ele é. Aquele radicando, até hoje eu não sei o que ele é, como ele é feito. **Que ferramentas/equipamentos você acha que poderiam facilitar na sala de aula?** Sei lá assim, na verdade eu acho que o computador/notebook me ajudaria bastante para eu estudar, pra mim resolver. Eu acho que ele me ajudaria mais do que só ficar ouvindo. Porque aí eu já poderia formular as contas no computador, os textos, pra mim copiar mais rápido e ter mais matéria.

Tais falas permitem dizer que a falta da visão, por si só, não é um impedimento ao desenvolvimento; ela impõe caminhos diferenciados. No entanto, a deficiência visual – assim como os outros tipos de deficiência – recebe na sociedade em que vivemos a ênfase na falta, nas limitações e é considerada uma desvantagem, o que de acordo com Vigotski (1997) pode impedir que a criança cega seja tomada como um ser humano integral e que tenha condições propícias para o seu desenvolvimento.

### **Considerações finais em busca por caminhos que possibilitem a apropriação do conhecimento**

Conforme relata Relena durante as entrevistas e conforme foi percebido durante as observações, a consideração dos caminhos pelos quais se dá a apropriação do conhecimento pelo aluno cego podem impulsionar o desenvolvimento e possibilitar uma aprendizagem significativa,

**Você acha que os professores facilitam para você?** eu acho que

facilitar os professores não facilitam, porque assim, eu mesma não gosto. **Eu sempre tenho as mesmas provas que os outros**, sempre assim, **mesmo que seja em dupla, no recurso, no computador**, sempre assim, são sempre as mesmas provas. **Você acha que seria interessante que os professores fizessem o mesmo que o professor de ciências faz, disponibilizar o material para você em txt?** Seria uma coisa maravilhosa, ficaria mais fácil. **Vocês usam o livro didático?** A gente usa sim, mas só que eu nem pego, porque eu não leio. Seria bom se ele fosse em txt ou doc, para eu usar no DOS-VOX. **Como é assistir tv, como é a imagem?** Eu vou vendo por partes, porque eu não enxergo a tela inteira, eu fico muito perto da televisão, do computador, e a visão sai boa. **Você acha que se você tivesse um notebook na sala de aula te ajudaria?** Ajudaria bem mais. **Você não pode usar na sala?** Poder, pode, mas só que é mais aconselhável no primeiro ano do ensino médio. **Quando você tem dúvidas durante a explicação da matéria, o que você faz?** Eu procuro saber mesmo, eu costumo levantar na aula e ir lá perguntar para o professor. Eu sou uma pessoa assim, eu sou tímida na hora que eu quero ser.

Digo isto, pois de acordo com Baumel; Castro (2003)

[...] a atuação competente do professor na seleção, utilização e elaboração de materiais é condição para promover experiências e práticas estimulantes e para a consecução de um ensino de qualidade; materiais e recursos são condicionantes de uma relação pedagógica eficaz, de respostas à inclusão dos deficientes visuais e de todos os alunos no processo escolar (p. 97).

Tais situações vão de encontro ao posto por Vigotski (1997), que não nega as restrições biológicas da cegueira, mas afirma que, socialmente, não há restrições, porque o cego, por meio da palavra, pode se comunicar e apreender significados sociais. No entanto, a interrelação do indivíduo cego com o ambiente não se dá sem conflitos, o que segundo o autor, possibilita a geração de forças para superação/compensação da deficiência.

Os relatos apontados indiciam que grandes desafios se fazem presentes no ambiente escolar: utilização de recursos didáticos inadequados ou ausência deles; falta de um planejamento adequado que considere a sala de aula como *locus* de

heterogeneidade; normalização da deficiência; desconhecimento acerca da deficiência visual e suas especificidades, foco em metodologias que propiciam uma aprendizagem mecânica, sem contextualização e desconsiderando as aprendizagens anteriores trazidas pelos alunos.

Ao lado de tais percepções, aparece a disposição de alguns professores para fazer com que Relena interagisse e participasse da aula, ou seja, alguns professores assumiram “[...] a convicção de que todos são capazes de aprender e de que o pressuposto de sua aprendizagem é sua interação com o mundo – sua ação sobre os objetos” (RIBEIRO, 2003, p. 49). Tal comportamento fez com que a aluna, que no início do estudo relatava que não gostava muito de inglês, apresentasse um novo posicionamento “sabe que agora eu estou até gostando de inglês” (RELENA), o que lhe proporcionou novas aprendizagens, bem como para os colegas de sala, que passaram a vê-la como parte da turma.

Percebi que, no que refere-se ao ensino de língua inglesa, as atitudes dos professores estão fortemente moldadas pela tradição histórica do sistema educacional e pelo ambiente no qual foram formados, bem como pelo local onde trabalham, o que vai de encontro às políticas oficiais referentes ao ensino de língua estrangeira no Brasil que estão formuladas sob a luz da tradição histórica de que o nível de ensino da língua estrangeira está sempre abaixo do almejado. Nesse sentido, o grau de interesse pela língua inglesa e por sua cultura, entre professores e alunos, e sua motivação para estudá-la, em muito dependem do valor que ambos dão a esse estudo.

Sob tal perspectiva, para que o ensino de língua inglesa seja entendido e vivenciado como uma prática social, torna-se necessário que o professor pense suas aulas a partir da heterogeneidade de experiências e contatos que os alunos trazem e assim possibilitem uma aprendizagem de língua inglesa relevante para eles e que os permita interagir e ampliar conhecimentos acerca da sociedade global, conforme nos aponta Relena,

**Você faria alguma sugestão para as aulas de inglês?** Eu acho que... muito professor falta dinamização, porque eles passam muito dever no quadro e esquecem que inglês a gente precisa de mais dinâmica para aprender, da informática por exemplo, se você vê um filme dublado, eu mesma já brinquei muito com dublagem, em casa eu assistia alguma coisa em japonês ou inglês, a gente ia lá pegava os textos a gente traduzia. E assim, eu acho que a gente podia brincar um pouco, com o teatro e a gente podia fazer assim músicas, a professora do ano passado ela fez isso, a gente pegava músicas, pegava a tradução, ia cantando e uma pessoa me falou uma vez que a melhor forma de você aprender inglês é com música que você vai ali vai ouvindo a música, se possível música lenta prá você não se perder, você vai cantando, você vai lendo a tradução, vai tentando cantar a música até você comparar, vê o que é que tá dizendo, prá você aprender as pronúncias e ao mesmo tempo a escrita. Isso aí é uma coisa que ajudaria muito nas aulas de inglês.

Diante do exposto, espero que este estudo venha contribuir para a atuação dos profissionais, ajudando-os a entender melhor os modos de apropriação do conhecimento das pessoas com deficiência visual e, com isso, disponibilizar estratégias e recursos educacionais que proporcionem, não só aos alunos cegos, mas a todos os alunos, uma aprendizagem que tenha significado e que lhes permita inserirem-se na sociedade, isso porque de acordo com Vigotski (1997) a verdadeira educação consiste em despertar no ser humano aquilo que tem e em ajudá-lo a fomentar e orientar seu desenvolvimento.

Também espero que este estudo impulse outros, pois essa investigação retrata algumas possibilidades do processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa pelo aluno cego, muitas outras existem, já que o homem não deve ser entendido como pronto e acabado, mas como uma permanente e fluente forma dinâmica que se constitui sócio historicamente na interação entre organismo e meio (VIGOTSKI, 2010).

## **Referências**

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002.

BAUMEL, R. C. R. de C.; CASTRO A. M. Materiais e recursos de ensino para

Pró-Discente: Caderno de Prod. Acad.-Cient. Prog. Pós-Grad. Educ., Vitória-ES, v. 20, n. 2, jul./dez. 2014



deficientes visuais. In: BAUMEL, R. C. R. C. e RIBEIRO, M. L. S. **Educação Especial: do querer ao fazer**, São Paulo: AVERCAMP, 2003, p. 95-108.

FREITAS, M. T. de A. **A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa**. Cadernos de pesquisa, São Paulo, n. 116, p. 20-39, jul. 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

MICHEL, M. H. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 2009.

MOTTA, L. M. V. M. **Aprendendo a ensinar inglês para alunos cegos e com baixa visão – um estudo na perspectiva da teoria da atividade**. Tese de Doutorado. PUC SP, 2004.

ORMELEZI, E. M. **Os caminhos da aquisição do conhecimento e a cegueira: do universo do corpo ao universo simbólico**. Dissertação (Mestrado em Psicologia e Educação) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

RIBEIRO, M. L. S. Perspectivas da escola inclusiva: algumas reflexões. In: BAUMEL, R. C. R. C. & RIBEIRO, M. L. S. **Educação Especial: do querer ao fazer**, São Paulo: AVERCAMP, 2003, p. 41-51.

SILVA, L. G. Dos S. **Inclusão: uma questão, também, de visão**. O aluno cego na escola comum. João Pessoa: Editora Universitária, 2008.

VYGOTSKY, L.S. **Obras escogidas**. Fundamentos de defectologia. Tomo V. Madri: Visor, 1997.

VYGOTSKY, L.S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.